

Vivendo a dois: arranjos conjugais em comparação*

Maria Luiza Heilborn**

Desde os anos 60, *grosso modo*, o Brasil assiste a mudanças significativas no perfil sociocultural das camadas médias e altas dos seus grandes centros metropolitanos. Tal fenômeno articula-se com processos variados como a forte concentração de renda, que intensifica a demarcação das classes sociais e dá origem a um mercado de consumo sofisticado, a acentuação do fenômeno de nuclearização da família, a ampliação da educação superior, a crescente importância da comunicação de massa, a eclosão do movimento de liberação de mulheres e homossexual. Em suma, uma diversidade de processos que tiveram naquelas camadas sociais o seu palco privilegiado.

Análises antropológicas centradas em segmentos de camadas médias (cf. Velho, 1975 e 1985; Salem, 1985 e 1989; Russo, 1991) têm insistido que o domínio dos valores relativos à família ostenta significativas alterações e salientam que essas mudanças são expressivas de uma ideologia igualitarista que vem ganhando espaço no país, contrapondo-se ao caráter tradicional da sociedade brasileira (cf. Da Matta, 1979; Aragão, 1983). Os traços pertinentes de tal ideário expli-

citam-se na contestação da distinção de gênero como conformadora da unidade e dinâmica conjugais, na afirmação da liberdade, para os dois sexos, do exercício da sexualidade fora dos parâmetros de uma relação estável, na proliferação de arranjos conjugais, na ampla aceitação do divórcio e também da maternidade voluntária fora do casamento.

Ao encampar que a cultura desses segmentos sociais gira em torno do individualismo enquanto sistema de valores, a referida literatura tem adotado, ainda que com nuances entre os autores, a perspectiva dumontiana de análise (Dumont, 1979 e 1985). Trata-se de acatar a premissa da oposição entre dois grandes modos de agenciamento do social: holismo e individualismo. Enquanto formas de armação *ideológica* da sociedade, estes dois modelos expressam, distintivamente, vetores simbólicos estruturantes da totalidade social. A modalidade holista é organizada a partir de um princípio hierárquico que se traduz pela diferenciação do valor instituinte das entidades sociais, conduzindo a uma postulação dos sujeitos como diferentes, complementares e hierarquizados; nela vigoram a precedência e a transcendência da totalidade

* Versão modificada e ampliada de artigo publicado sob o título "Vida a dois: conjugalidade igualitária e identidade sexual" nos *Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, São Paulo, ABEP, 1992, vol.2, pp.143-56. Sobre o mesmo tema ver *O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas*, Rio de Janeiro, Loyola (no prelo).

** Professora adjunta de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

sobre as partes. Já o tipo societário moderno, moldado pelo vetor simbólico igualitário, funda a configuração individualista de sociedade. A este sistema corresponde o enfraquecimento da noção de totalidade, coincidente com a afirmação da categoria de indivíduo como valor estruturante (Dumont, 1970). Conseqüentemente, o individualismo apóia-se numa lógica de indiferenciação entre as entidades sociais, aplainando as diferenças entre elas.

Este artigo detém-se sobre certos efeitos do espraiamento do igualitarismo na sociedade brasileira, em particular, no universo simbólico que sustenta novos arranjos conjugais. O recorte social privilegiado são segmentos das camadas médias urbanas que apresentam um "perfil moderno", isto é, grupos sociais comprometidos com a ideologia individualista, o que se exprime em uma moral de valorização da singularidade e da liberdade individual, na recusa da distinção hierárquica entre os gêneros e na aceitação da homossexualidade. No caso analisado, isso implica também a presença de um número relativamente alto de "casamentos", bem como, a espelhar a excelência da relação dual, a não obrigatoriedade de ter filhos e da coabitação como regra conjugal.

O contexto mais abrangente da pesquisa (Heilborn, 1992a) (1) refere-se a uma comparação entre casais hetero e homocorporais, sustentando-se a idéia de que há uma cultura comum alicerçada em três princípios éticos da conjugalidade igualitária (2), tão bem identificados por Salem (1989): a psicogenicidade, a igualdade e a mudança. Os novos arranjos conjugais são, portanto, debitados à vigência desses valores igualitários; a modalidade de casal assim constituída apresenta determinados mecanismos sociológicos peculiares que este artigo pretende abordar. A comparação entre as díades heterossexual, gay e lésbica permite o desvelamento, de um lado, do modelo conjugal e, de outro, das implica-

ções que a identidade sexual e o gênero produzem nesse quadro.

Uma palavra a mais sobre identidade sexual. No início do artigo, postulei que entre as transformações dos "costumes" presenciadas em certos nichos sociais do país encontra-se uma maior aceitabilidade das uniões homossexuais. Um outro aspecto, também salientado pela literatura antropológica pertinente, é o aparecimento de um modelo simétrico ou "moderno" para a homossexualidade (Fry, 1982; Parker, 1989; MacRae, 1990), com forte ênfase em uma ideologia de igualdade. Essa nova concepção em torno do homoerotismo dissemina-se entre os setores sociais mais privilegiados e caracteriza-se por nomear ambos os parceiros de "homossexuais". Contudo, o modelo hierárquico de identidade sexual, que lhe é antagônico, é ainda de ampla aceitação na sociedade como um todo. Este restringe a classificação de homossexual tão-somente àquele que é penetrado ou "passivo", posição que o equaciona logicamente à figura do feminino. O inverso é verdadeiro para a homossexualidade feminina, sem que, no entanto, tal representação tenha o mesmo vigor no imaginário coletivo. Observa-se, assim, no tocante à identidade sexual, o mesmo *modus operandi* da ideologia igualitária que pauta as relações entre os gêneros: a indiferenciação valorativa entre as entidades sociais. A conjugalidade homossexual nesse universo estruturado pela ideologia individualista expressa-se pela adoção do modelo moderno, fundamentalmente como recusa à distribuição diferencial de papéis de gênero entre os cônjuges.

O casal igualitário

O casal moderno estrutura-se sobre a base de um encontro psicológico singular, sedimentado na crença do sentimento amoroso, que exclui considerações alheias à sua própria existência. As-

sim, sua ordenação simbólica apóia-se na recusa da transcendência e da sujeição a regras sociais, no princípio da igualdade, que rejeita qualquer diferença estatutária entre os gêneros. Em consonância com os valores do individualismo, apresenta-se ordenado internamente pelo princípio da indiferenciação entre os cônjuges. Na prática cotidiana, tal valor exprime-se por uma acerba reivindicação de equanimidade na divisão das tarefas domésticas que a (eventual) convivência possa impor e pela exigência de paridade no tocante ao aporte financeiro. As despesas podem ser efetuadas em comum, mas prevalece a expectativa de que não haja dependência econômica entre os parceiros. Em razão disso, as parcerias obedecem estritamente uma tendência à homogamia social, traduzindo-se na similaridade da inserção de classe e, sobretudo, na equivalência do capital cultural entre os parceiros (Bourdieu, 1974). Desse modo, fortemente vincado pela idéia de simetria, o casal moderno tem como regra sociológica a mutualidade (3). A conjugalidade moderna pode ser então resumida, em termos ideais (nativos), como um núcleo de trocas afetivo-sexuais com uma não demarcação de papéis conjugais.

Nesse tipo de equação emerge o valor de que o casal seja capaz de engolir os sentimentos de solidariedade e arrebatamento sexual. O casal assim constituído tende a concentrar grande número de trocas em si e possui forte disposição para agir como uma mônada (Salem, 1989). Tal propensão parece mais forte nos momentos iniciais da formação do par, quando, sob o signo da "paixão", o casal passa por momentos de intensa convivência. No espaço médio de dois anos, a motivação emocional que lhe deu origem é descrita como mudando de tom e se tornando "amor", o que significa dizer que perde o seu colorido passional, adquirindo uma certa regularidade ou rotina, que os nativos chamam de "burocratização da relação".

Um casal contém muito da relação social que a amizade representa nesse universo - apoio psicológico, companheirismo, embora a amizade admita uma certa interdição de relações sexuais -, mas dela se diferencia justamente pela idéia de precedência da relação conjugal sobre as demais relações. A conjugalidade moderna, contudo, adota como ideal a preservação da autonomia individual e da singularidade que a relação de amizade nesse contexto moral exhibe. Ai se esboçam, logicamente, seus limites de implementação. Ao reivindicar a primazia sobre as demais relações que cada um dos seus membros possa manter, o casal ensaja e promove seu funcionamento baseado em uma delegação mútua de autoridade. Inflacionado por tantas e variadas expectativas, o par igualitário potencializa uma certa entropia, que é contraditória com o ideal de liberdade acalentado. Tida por detonadora do "sufoco" - sentimento de aprisionamento -, a virtual entropia é combatida pela manutenção de arenas exclusivas a cada um dos parceiros. Evidentemente, tal feitio da conjugalidade moderna demanda intensa atenção, pois é necessário equilibrar a manifestação desses "espaços para a individualidade" com a indispensável preservação do solo do casal: tempo e/ou espaço compartilhado (cf. Vaughan, 1987).

A conjugalidade encerra, assim, uma realidade supra-individual e move-se em termos de um contrato, não necessariamente consciente, que chancela uma dependência recíproca entre os parceiros. É este caráter privilegiado do casamento, diante do qual outros vínculos sociais adquirem um caráter metonímico, que explica a operação de certos mecanismos sociológicos que, acoplados à regra simétrica da troca - a mutualidade -, dão origem a uma espécie de contabilidade conjugal. Trata-se de um mecanismo de aferição do contrato, que freqüentemente tem por alvo a disponibilidade de cada um dos membros em cumprir o acordo de mútua dependência que o ca-

samento encerra. Disso também é prova o que um dos meus entrevistados chamou de "monitoramento pessoal" - espécie de relatório cotidiano sobre as atividades realizadas fora das vistas do parceiro. Esses procedimentos adquirem, por vezes, o caráter de rituais de confirmação da unidade conjugal, necessários para a previsibilidade de manutenção do relacionamento. Em suma, são mecanismos constantes presentes no universo igualitário que determinam o que faz um casal, casal (Berger e Kellner, 1970).

O casal ainda exprime um espaço de educação dos sentidos, na acepção de regramento de gestos e emoções, isto é, as convenções sociais do mundo privado (cf. Simmel, 1950). No centro encontra-se a "intimidade". Misto de relação social e sentimento, esta constitui-se num vínculo entre sujeitos percebido como parassocial, em razão do seu caráter não-público conectando certas categorias de pessoas: cônjuges, amigos e também *siblings*. A intimidade no par amoroso, tal como vivenciada pelos nativos, é um processo de inversão de um conjunto de regras que demarcam distância física e psicológica, resultando em um acesso ao corpo do outro que ultrapassa em qualidade as experiências que o ato sexual propicia. Enseja uma proximidade ao corpo alheio que se desdobra para além do contexto erótico, abolindo, em sentido amplo, barreiras que norteiam o contato físico. Esfumam-se os limites entre os corpos erigidos pela civilidade (Elias, 1990): alimentos podem ser permutados, mesmo quando já estiveram em contato com a boca do outro; objetos de toalete podem ser usados indiscriminadamente pelos(as) parceiros(as), a indicar a supressão (relativa) de barreiras entre os sujeitos. Desse modo, a intimidade assinala uma compressão da distância estrutural (Evans-Pritchard, 1978:123) entre os indivíduos estabelecida pelas regras de etiqueta. Experimentada como um processo de proximidade emocional e co-

nhecimento entre os parceiros, de cuja existência a categoria de "cumplicidade" também fala, a intimidade contém expressivos elementos de relaxamento de certas regras de civilidade, em especial as relativas ao nojo perante funções corporais dos integrantes do par (Elias, 1990).

Este componente situa-se no núcleo central da conjugalidade. Ao formarem um casal, os sujeitos são pensados como estruturalmente muito próximos em razão do vínculo amoroso que os une e do esteio simbólico sobre o qual se arma a relação: a não demarcação diferencial entre parceiros. A indistinção estatutária abole regras de distância entre os cônjuges. Tal configuração conduz os elementos da diáde a pensar a relação a dois como "fora do mundo", de tal maneira que parecem mover-se em uma arena que se apresenta como incivilizada/selvagem.

Traduzida como um valor/bem na conjugalidade, já que integra o conteúdo tido como particular à relação a dois, essa intimidade é justamente o que pode conduzir a relação à sua descaracterização, nomeada de "virar irmão": excesso de intimidade e ausência de "tesão". Em certos momentos e contextos, a intimidade aparece revestida de conteúdo negativo e categorizada como comprometendo o respeito (cf. Viveiros de Castro, 1974), qualificado como privacidade. Desse modo, o dilema da distância configura-se como central na vida a dois.

Conjugalidade e homocorporalidade

Embora se afirme como premissa neste artigo que o casal igualitário atua nos termos de uma modelação da subjetividade e de uma dada expressão obrigatória dos sentimentos, a lógica da identidade sexual também faz-se presente. A norma homossexual parece adquirir constrangimentos ainda mais densos do que aquela com que os casais heterosse-

xuais se defrontam. Esta "densidade" da "condição homossexual" filia-se ao fato de que, na sociedade contemporânea, a construção da subjetividade ancora-se na "endoverdade" do sexo (Duarte, 1984). Rotulada como desviante, a homossexualidade demanda uma explicitação mais acurada de suas regras. Ao contrário, a ordenação social da heterossexualidade dispõe de meios de apagamento (Foucault, 1977) porque é representada como da ordem natural das coisas (Mathieu, 1990). Os sujeitos, modelados por esse fio de inteligibilidade que a sexualidade fornece, são capturados nos interstícios de duas linguagens - a da vida conjugal simétrica e a que provém da ordenação simbólica da homossexualidade. Nesse sentido, por um lado a lógica da subcultura homossexual, em suas variantes *gay* e *lésbica*, impõe-se aos sujeitos, modelando, a despeito de possíveis afastamentos dessa ordenação, o modo como ingressam e vivem as relações amorosas e conjugais. Por outro lado, essa própria lógica expressa um princípio ordenador de gênero, quando considerados os feitos peculiares que opõem essas variantes.

Análises sobre a homossexualidade feminina (Muniz, 1992; Portinari, 1989) enfatizam que o imaginário em torno das relações entre mulheres compõe-se de alguns enunciados ou figuras no sentido barthiano (Barthes, 1985): a invisibilidade, a intradutibilidade, a sensibilidade particular e excessiva que demanda dos sujeitos. Esses traços sinalizam para a existência, em um plano concreto, de um menor número de lugares públicos e referências explícitas à homossexualidade feminina, configurando a fragilidade de uma cultura pública *lésbica* e, assim, contribuindo para a sua menor visibilidade, para a autopropalada dificuldade de colocar em palavras a experiência *lésbica*.

A homocorporalidade feminina tem na conjugalidade o padrão de gestão da vida amorosa e sexual, sobretudo quan-

do comparada ao modo como se organiza a homossexualidade masculina. Entre mulheres, um namoro rapidamente ganha o estatuto de relação duradoura. E, de modo comparativo às duas outras modalidades de parceria, o casamento é descrito como deslizando mais rapidamente do amor para a amizade. Ocorre um enaltecimento do cotidiano mais nos termos de companheirismo e apoio psicológico mútuo do que de atividade sexual no par. Nesse sentido, a deriva do casal de mulheres é para a transformação do caso amoroso em amizade. A conjugalidade entre mulheres caracteriza-se ainda, em comparação com os *gays*, por apresentar relações mais duradouras e um maior retraimento para o doméstico.

A vigência da regra simétrica manifesta-se também na elaboração visual/gestual das mulheres entrevistadas. Há como que um diálogo com as imagens ofertadas pelo discurso, em que se busca o afastamento do modelo tradicional encarnado na oposição *fancha* e *lady* - os pólos máximos de masculino e feminino, que reproduzem o binômio masculino-dominância-atividade sexual *versus* feminino-submissão-passividade sexual, estruturador do modelo hierárquico do gênero e da identidade sexual na sociedade brasileira. Assim, congruentemente, a taxonomia do "meio entendido" concede à *fancha* o qualificativo de "ativa" em termos da *performance* sexual. Contudo, no modelo simétrico essa oposição é recusada, ocorrendo um embaralhamento dos atributos de gênero.

Há indicações, sobretudo em trabalhos sobre homossexualidade masculina, de que o sexo não encontra entre as mulheres a importância equivalente que desfruta entre os homens (Fry e MacRae, 1983:100-120). Giddens(1992), utilizando os dados analisados por Shere Hite em *Women and love* (1988), acolhe a mesma constatação. O autor interpreta tal perfil recorrendo à premissa de uma psicologia diferencial entre os sexos. Sua

explicação mais sociológica acentua o fato de que, na contemporaneidade, a por ele denominada sexualidade plástica tornou-se o modelo difundido. No contexto analisado, o discurso das mulheres não registra, como o dos homens *gays*, a vigência de uma gramática da cópula nos termos "passividade/atividade". O sexo não emerge como tema da produção da diferença no casal feminino, corroborando essa representação difundida do lugar menos privilegiado do sexo para as mulheres, se comparado àquele ocupado pelo amor.

A homogamia social presente nos casais igualitários parece ser praticada com maior empenho entre as mulheres homossexuais. Não existe registro entre as entrevistadas, até para as aventuras, do cruzamento da demarcação de classe, que é sobretudo a posição social relativa à detenção de um capital cultural equivalente. Para as entrevistadas, parece natural estar descartada a atração, sequer eventual, por mulheres que discrepem da sua própria condição. Esse argumento ganha maior nitidez quando se compara com o fato de no universo *gay* tal prática ser extremamente comum, ainda que para a formação de casais seja seguido o padrão homogâmico.

A lógica das diferenças

Na atualização dos princípios norteadores da vida conjugal assinalam-se algumas distinções entre os casais, distinções essas que se distribuem em quatro áreas: o trabalho doméstico, o "cuidado da relação", o nexos amizade e sexo e a gramática da cópula. Essas modulações recobrem o comportamento de homens e mulheres, apresentando uma incidência diferenciada no interior da relação heterossexual e apontando para peculiaridades significativas na configuração do casal de homens e do casal de mulheres. Os campos em que ocorrem as diferenças tampouco exibem o mesmo

grau de relevância para os referidos pares. As diferenças concatenam-se logicamente de modo particular nas díades homossexuais, uma vez que estas desconhecem, no modelo simétrico, a distinção de gênero como fundadora do par.

Esses "nativos modernos" atribuem as peculiaridades observáveis entre homens e mulheres a uma razão diacrônica, resultante dos efeitos da socialização sofrida, que decerto não são para serem menosprezados. Contudo, a persistência de indicadores de gênero fala, em um plano mais abstrato, de uma lógica pregnant, conformadora da alteridade fundamental que a classificação de gênero abriga, e que parece insistir na contração da tendência indiferenciante propugnada pelo individualismo (4). Não é apenas o gênero e sua dinâmica distintiva que respondem por uma renitente diferença entre os três tipos de casal. Sem dúvida, a lógica de identidade sexual faz-se presente.

As peculiaridades de cada gênero conferem à díade *gay* e à lésbica sua compreensibilidade, uma vez que essas parecem funcionar como hipérbolos do gênero no modelo igualitário. A redefinição da imagem do homossexual que tem lugar a partir dos anos 70, com a liberação das práticas sexuais, é exemplar nesse sentido. Ela certamente significa a despatologização da figura homossexual (Pollak, 1983). Contudo, no caso dos homens, tal redefinição encerra uma guinada para a masculinização. Esse movimento reflete a reação ao modelo tradicional de homossexual, uma caricatura dos traços femininos, e exprime-se pelo aparecimento de um novo ideal de homem - o "macho", figura de uma supervirilidade (Perlongher, 1987:85). No caso do lesbianismo não há um movimento similar de formulação de uma figura expressiva como é a do "macho-man" (Klein, 1993), mas prevalece uma recusa do paradigma da mulher masculinizada.

Na temática conjugal, a indistinção de papéis de gênero atua, *aparentemen-*

te de modo contraditório, por meio de uma intensificação. Os valores alocados tradicionalmente ao feminino, por exemplo, ganham vigor em um casal que reúne duas mulheres. Assim, é comum entre os entrevistados, mesmo os heterossexuais, afirmar-se que as mulheres "cuidam mais da relação". Este investimento afetivo no casal manifesta-se no empenho de manter o casamento funcionando até mesmo no momento da ruptura. A díade lésbica alimenta-se dessa representação de maior amizade entre as parceiras (Portinari, 1989). Desse modo, atualiza-se uma imagem que é em tudo solidária e congruente com a representação do feminino como portador de maior dedicação ao mundo dos afetos. Perspectiva que se torna mais nítida quando se confronta com as representações sobre as mulheres heterossexuais. É recorrente a afirmativa de que as mulheres "cuidam mais da relação" do que os homens, a ponto de se tornarem uma espécie de guardiãs da vida a dois. No jogo de representações entrecruzadas, a conjugalidade masculina desponta como propiciadora de um menor companheirismo entre os seus membros, relativamente ao casal lésbico, mas também como aquela que enseja a maior valorização da dimensão erótica do relacionamento.

O tema do trabalho doméstico também oferece campo para o aparecimento de algumas nuances. Entre os heterossexuais há um acordo entre homens e mulheres de que, na prática, cabe a estas a maior parcela da administração doméstica, apesar da forte identificação desse universo com a ideologia feminista. No par *gay* presencia-se uma clara e verbalizada preocupação de busca de simetria na distribuição de tarefas. O empenho em equilibrar a contribuição dos parceiros, que nos depoimentos emerge com vigor, assinala uma disposição de extirpar qualquer signo de feminilidade que as atribuições domésticas possam reter como conformadoras da dinâmica conju-

gal. No par de mulheres esse tema não apresenta relevo; não demanda a mesma atenção justamente porque se encontra naturalizado pela ideologia de gênero mais abrangente. E, por fim, nota-se que a gramática complementar da cópula (traduzível no modelo atividade/passividade) permanece com relevo na marcação da conjugalidade entre homens, ainda que tal distinção não seja reduplicada em qualquer outro plano da relação (tal como é proposto no modelo hierárquico). Na díade feminina ela não apresenta rendimento.

Esse contraste entre os pares homossexuais chama a atenção para o porquê da mutualidade não prevalecer na estruturação da parceria sexual entre os casais *gays*. Na conjugalidade masculina a norma apresenta-se recorrentemente sob a forma complementar (5). Quanto ao casal heterossexual, o tema permanece no silêncio, discreto, naturalizado, em conformidade com o resguardo que a heterossexualidade desfruta na proliferação de saberes que o dispositivo da sexualidade engendra (Foucault, 1977). É bem provável que o binômio *comer/dar*, como metáforas impregnantes da cultura sexual brasileira (Parker, 1987), possa ganhar conteúdo de inversão em certos contextos situacionais, por exemplo, entre casais heterocorporais. Contudo, entre as lésbicas (entrevistadas), a atividade sexual procede por meio da simetria e da transitividade. O discurso da passividade/atividade não oferece base de diferenciação na gramática da cópula entre mulheres.

Outra distinção diz respeito à estabilidade dos vínculos conjugais. O casal de homens, comparativamente, é o que apresenta maiores probabilidades de implosão, considerada a armadura do par moderno. É na lógica da subcultura *gay*, impregnada pelos parâmetros da simbólica de gênero, que se encontra a explicação da menor perenidade relativa dos casais de homens; por contraste, a par-

ceria conjugal heterossexual e a lésbica são mais estáveis.

A ordenação do mundo público *gay* mostra-se fundada em relações múltiplas e mesmo anônimas (6). Ainda que se possa considerar que esta estruturação tenha seguido, a partir dos anos 70, uma inspiração no modelo de mercado, as razões do anonimato e da multiplicidade de parceiros devem ser buscadas em outra explicação. Os nativos tendem a enfatizar a variedade de opções abertas para os homens homossexuais, fazendo-os crer que essa variedade ofertada é razão direta da não valorização da relação estável e do enaltecimento da "caça sexual". A estabilidade feminina observada é freqüentemente deduzida de uma falta de oportunidade, pela inexistência de espaços públicos de sociabilidade lésbica.

Acionando-se as referências fornecidas pela subcultura *gay*, nos vemos diante de dois temas: a possibilidade valorada de contatos sexuais com pessoas de outros estratos sociais e de classes de idade distintas. Ao contrário, as mulheres homossexuais apresentam uma homogeneidade social radical e entre elas não há nada semelhante ao culto da relação entre mais velho/mais jovem que está presente no mundo *gay*. São estes vetores que caucionam a interpretação do porquê, comparativamente ao par de mulheres, o casal masculino apresentar menores probabilidades de sucesso em termos de estabilidade e duração, consideradas as características demandadas pela conjugalidade igualitária.

As três modalidades - casais hetero, *gays* e lésbicos - atualizam os eixos acima mencionados de maneira diferenciada, ainda que contemplem uma concepção de conjugalidade compartilhada. A conjugalidade igualitária, pelos valores que encarna - simetria nas atribuições domésticas e ênfase no cuidado da relação e de seus humores -, adquire sentido via uma aproximação do masculino da experiência feminina. Ela celebra, em congruência com um *ethos* familiar à cul-

tura dos anos 60 e do feminismo, uma *feminização* da relação. A parceria fundada na simetria, que se manifesta no não englobamento do feminino pelo masculino, torna-se uma espécie de instituição feminina se confrontada ao casal hierarquicamente constituído. A deriva segue do casal hetero para o de mulheres, estando o casal *gay* em um lugar *entre*. O modelo de um casal moderno implica, em termos lógicos, uma maior proximidade de um casal de mulheres. Os *gays*, de um lado são atraídos para o modelo heterossexual, visto que existe a polaridade ativo/passivo, e de outro lado, como são mais simétricos (na administração burocrática do lar) do que o casal hetero, são capturados pelo modelo do casal feminino. Já as mulheres homossexuais levariam ao extremo aquilo que é preconizado para a conjugalidade igualitária, sendo que isso parece implicar uma menor eroticidade da relação.

A rigor, o contraste entre as modalidades conjugais parece apontar para a realização de uma maior simetria entre as mulheres. Entretanto, tal conclusão é aparente. A persistência de indicadores de gênero assinala, em um plano mais abstrato, uma lógica de classificação do gênero que insiste no tema da alteridade, contrariamente à ideologia sustentada pelo individualismo. O gênero exprime o trabalho simbólico realizado pela cultura sobre a diferença sexual, resultando em uma marca diferencial que alude, de um lado, a propriedades pertinentes ao masculino como tingido/produzido pela relação de englobamento e, de outro, ao feminino como detentor de atributos relacionais do englobado. Tal simbólica parece imiscuir-se, resistir, permanecer como um substrato no universo da conjugalidade igualitária a despeito da ideologia individualista, que apregoa a indistinção valorativa entre os elementos de uma relação.

A simetria entre as mulheres pode ser interpretada como expressão da vigência de propriedades simbólicas con-

gruentes com a menor marcação do mundo feminino. Por sua vez, o casal *gay* testemunha que a questão da diferença parece apresentar-se de modo insistente no mundo masculino. Tal característica advém da qualidade do masculino ser o gênero detentor dos atributos do pólo englobante. Desse modo, a diferença num casal de dois homens é impelida a manifestar-se, ainda que no universo social estruturado pelo princípio igualitário-segmentador do individualismo permaneça limitada em sua capacidade de englobar. No casal masculino, mantém-se acantonada na cópula; no par heterossexual dissemina-se entre os eixos do trabalho doméstico e do "cuidado da relação", a indicar a importância da lógica de gênero. Pode-se ousar dizer que o mundo *gay*, com suas múltiplas possibilidades de realização da homossexualidade, testemu-

nha uma espécie de vocação de reintrodução das diferenças mesmo onde o modelo simétrico (Fry, 1982) é o articulador da troca homoerótica.

Assim, as diferenças observadas entre as díades são debitadas a uma lógica estrutural que transborda o contexto igualitário - a premissa da hierarquia como o modo de agenciamento do social por excelência, para retomar a proposição de Louis Dumont. A presença da hierarquia, sob a forma de um resíduo, num universo armado sobre a indiferenciação, a segmentação e a horizontalização das relações origina os feitos peculiares que assumem os casais heterossexual, *gay* e lésbico em certos planos. É na combinação entre individualismo e constrangimentos da lógica distintiva do gênero que reside a inteligibilidade dos novos arranjos conjugais da contemporaneidade.

Notas

- (1) O perfil etnográfico da pesquisa integra indivíduos pertencentes às camadas médias na faixa etária dos 35-45 anos. São profissionais liberais, economistas, sociólogos, artistas plásticos, arquitetos moradores da zona mais privilegiada da cidade do Rio de Janeiro, a Zona Sul. Todos já tiveram mais de um relacionamento duradouro. Compartilham do *ethos* intelectual, psicanalisado, o que no Brasil está associado à modernidade, e são adeptos de uma moral liberal e, eventualmente, vanguardista, característica de certos segmentos de camadas médias urbanas do Rio de Janeiro (Velho, 1983; Russo, 1991). Foram entrevistadas 32 pessoas, mediante o método de entrevistas longas do tipo histórias de vida, com roteiro aberto, obedecendo à indicação dos integrantes de duas redes sociais em que a identidade sexual não é o vetor de constituição. Essa opção neutraliza o viés que o material etnográfico comportaria se fossem escolhidos contextos exclusivamente homosociais.
- (2) Conjugalidade é um galicismo. Contudo, seu uso tem se imposto à língua portuguesa. Veja-se, por exemplo, a tradução brasileira de "A política de saúde do século XVIII" (Foucault, 1990) e, ainda, o trabalho de Salem (1989). Utilizo-o na intenção de recobrir o espectro das estruturas sociológicas pertinentes a uma vida a dois. Já hetero e homocorporalidade são um irretocável neologismo e pretendem fornecer uma designação alternativa (e potencialmente neutra) aos termos heterossexualidade e homossexualidade, uma vez que estes trazem em si problemáticas implicações do discurso médico psiquiátrico do século XIX.
- (3) Mutualidade encarna uma forma de reciprocidade que opera em termos simétricos. Ela expressa um tipo de trocas em que a mesma dádiva é dada e recebida. O ponto de vista de Bateson (1978) sobre diferenciação simétrica e complementar pode ser aqui adotado. Na simetria observa-se a troca do mesmo conteúdo e na

complementaridade ocorre troca de bens ou conteúdos distintos.

- (4) Por razões de espaço não posso desenvolver este argumento aqui. Remeto ao meu artigo "Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada" (Heilborn, 1993).

- (5) Limite minhas observações à conjugalidade e não descarto a possibilidade de outras alternativas em contatos homoeróticos entre homens. Cabe salientar que a forma conjugal não é a preferencial no mundo gay.

- (6) Certamente a Aids tem introduzido modificações neste quadro.

Referências bibliográficas

- ARAGÃO, Luis. "Em nome da mãe". In: FRANCHETTO (org.), *Perspectivas antropológicas da mulher*, n. 3, Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- BARTHES, Roland. *Fragments do discurso amoroso*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.
- BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind*. Londres, Granada, 1978.
- BERGER, P. e KELLNER, H. "Marriage and the construction of reality". In: DREITZEL (org.), *Recent sociology*, n. 2, New York, MacMillan Company, 1970.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- DA MATTA, Roberto. *Camavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- DUARTE, Luis Fernando. Muita vergonha, pouca vergonha: sexo e moralidade entre classes trabalhadoras urbanas. Trabalho apresentado ao IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Águas de São Pedro, SP, mimeo., 1984.
- DUMONT, Louis. "The individual as an impediment to sociological comparison and Indian history". In: DUMONT, L., *Religion, politics and history in India*, Paris, Mouton, 1970, pp.113-50.
- _____. *Homo hierarchicus*. Paris, Gallimard, 1979.
- _____. *O individualismo - uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. *Os Nuer*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. Araraquara, Unesp, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1977.
- _____. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1990.
- FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo, Brasiliense, 1983.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ, 1992a.
- _____. "Vida a dois: conjugalidade igualitária e identidade sexual". *Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, São Paulo, ABEP, 1992b, vol. 2, pp.143-56.
- _____. "Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada". *Revista Estudos Feministas*, CIEC/ECO/UFRJ, vol. 1, n. 1, 1993.
- HITE, Shere. *Women and love*. Londres, Viking, 1988.
- KLEIN, Alan M. *Little big men - bodybuilding and gender construction*. Albany, State University of New York Press, 1993.
- MACRAE, Edward. *A construção da igualdade - identidade sexual e política no Brasil da*

- "abertura". Campinas, Editora da Unicamp, 1990.
- MATHIEU, Nicole. "Identité sexuelle/sexuée/de sexe? - trois modes de conceptualization de rapport entre sexe et genre". In: MATHIEU, N., *Anatomie Politique*, Paris, Éditions Coté-Femmes, 1990.
- MUNIZ, Jacqueline. *Mulher com mulher dá jacaré. Uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ, 1992.
- PARKER, Richard. "*Within four walls*": the cultural construction of sexual meanings in contemporary Brazil. Berkeley, University of California Press, 1987.
- _____. "A Aids no Brasil urbano". *Cadernos do Instituto de Medicina Social*, Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, vol. 3, n.1, 1989, pp.112-48.
- PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê - a prostituição viril*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- POLLAK, Michael. "A homossexualidade masculina ou a felicidade no gueto". In: ARIÈS, Phillippe e BEJIN, André (orgs.), *Sexualidades ocidentais*, Lisboa, Contexto, 1983.
- _____. *Les homosexuels et le Sida - sociologie d'une épidémie*. Paris, Edition A.M.Métailié, 1988.
- PORTINARI, Denise. *O discurso da homossexualidade feminina*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- RUSSO, Jane. *O corpo contra a palavra*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ, 1991.
- SALEM, Tania. "Familia em camadas médias: uma revisão da literatura recente". *Boletim do Museu Nacional, NS*, Rio de Janeiro, n. 54, 1985.
- _____. "Casal igualitário: princípios e impasses". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Anpocs, n. 9, vol. 3, 1989.
- SIMMEL, Georg. "Types of social relationship by degrees of reciprocal knowledge of their participants". In: WOLK, K.(ed.), *The sociology of G. Simmel*, New York, The Free Press, 1950.
- VAUGHAN, D. *Uncoupling - how relationships come apart*. New York, Vintage, 1987.
- VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Tese de doutorado, São Paulo, FFLCH/USP, 1975.
- _____. "Aliança e casamento na sociedade moderna: separação e amizade em camadas médias urbanas". *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n. 39, 1983.
- _____. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *O devido respeito*. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ, mimeo., 1974.

RESUMO - Vivendo a dois: arranjos conjugais em comparação. Partindo da comparação entre três modalidades de casal - heterossexual, gay e lésbico - em um universo de camadas médias, este artigo propõe-se a analisar os mecanismos sociológicos da conjugalidade em um contexto igualitarista. Enfoca-se as articulações entre igualitarismo, gênero e identidade sexual. O primeiro termo condensa a concepção compartilhada de casal, bem como a mecânica das estruturas de uma vida a dois que caracteriza a esfera privada. O gênero e a identidade sexual dão origem, contudo, a diferentes arranjos conjugais, expressando estes dois termos vetores simbólicos que aludem a um substrato hierárquico no interior da configuração individualista.

ABSTRACT - Living together: comparing conjugal models. *The article is an analysis on urban middle class heterosexual, gay and lesbian couples. Focusing upon the functioning of the egalitarian couple relationship, this study intends to investigate the nexus between egalitarianism, gender and sexual identity. Egalitarianism concentrates the sharing conception of conjugality and explains the way in which the structures of couple and its conditions operate on private life. Differences between the three conjugal relationships are observed, however, and they are connected to gender and sexual identity principles.*

Aprovado para publicação em 12/08/94.